



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

BRUNA MIKAELLY FERNANDES TEIXEIRA

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS DA REDE ESTADUAL DO CARIRI
OCIDENTAL PARAIBANO SOBRE TRABALHO, REMUNERAÇÃO E EDUCAÇÃO
NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO**

**SUMÉ - PB
2024**

BRUNA MIKAELLY FERNANDES TEIXEIRA

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS DA REDE ESTADUAL DO CARIRI
PARAIBANO SOBRE TRABALHO, REMUNERAÇÃO E EDUCAÇÃO NO
CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Susten-
tável do Semiárido da Universidade
Federal de Campina Grande, como re-
quisito parcial para obtenção do tí-
tulo de Licenciada em Ciências Soci-
ais.**

Orientador: Professor Luan Gomes dos Santos de Oliveira.

**SUMÉ - PB
2024**



T266n Teixeira, Bruna Mikaelly Fernandes.

Narrativas de professoras da rede estadual do Cariri Paraibano sobre trabalho, remuneração e educação no capitalismo contemporâneo. / Bruna Mikaelly Fernandes Teixeira. - 2024.

45 f.

Orientador: Professor Dr. Luan Gomes dos Santos Oliveira.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Narrativas docentes. 2. Capitalismo e educação. 3. Remuneração docente. 4. Cariri Paraibano - professoras estaduais. 5. Professoras da rede estadual - Paraíba. 6. Mulheres e docência. 7. Carga de trabalho - professoras. 8. Escola Cidadã Integral Técnica - professoras. 9. Dupla jornada de trabalho - professoras. I. Oliveira, Luan Gomes dos Santos. II Título.

CDU: 37:316(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

BRUNA MIKAELLY FERNANDES TEIXEIRA

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS DA REDE ESTADUAL DO CARIRI
PARAIBANO SOBRE TRABALHO, REMUNERAÇÃO E EDUCAÇÃO NO
CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Susten-
tável do Semiárido da Universidade
Federal de Campina Grande, como re-
quisito parcial para obtenção do tí-
tulo de Licenciada em Ciências Soci-
ais.**

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Luan Gomes dos Santos Oliveira.
Orientador - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora Ma. Carla Mailde Feitosa Santa Cruz.
Examinadora Interna - CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.
Examinador Interno – UACIS/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 24 de maio de 2024.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Santa Teresa, padroeira dos professores, a quem rogo nos momentos de aflição. Às minhas queridas avós, Lia e Tereza, que sempre acreditaram em mim, proporcionando uma infância feliz, repleta de curiosidade e imaginação.

Aos meus pais, Irailda Teixeira Ribeiro e José Flávio Fernandes Bezerra, que sempre se dedicaram para criar a mim e a meus irmãos, também sou grata a eles: Rayanne, Bruno, Lucas e Milena.

Aos meus parentes e amigos que foram fundamentais nesta jornada, e este trabalho é também um reflexo da força e do apoio que sempre me ofereceram.

À minha amada filha, Melina Tereza Teixeira Nobre Formiga, que diariamente me ensina sobre o amor e me impulsiona a ser a melhor versão de mim mesma. Agradeço ao meu querido noivo, Natan Pio da Costa Assunção, que demonstra todos os dias seu amor e orgulho por ter ao seu lado uma mulher professora.

Expresso minha imensa gratidão a todos que, de alguma forma, incentivaram e contribuíram para o meu crescimento pessoal e acadêmico até este momento tão significativo da minha vida. Em especial, ao meu orientador, Luan Gomes, cuja sensibilidade e orientação foram inigualáveis.

"As diferenças não são o problema, o problema é a hierarquia."

(Silvia Federici)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender os mecanismos sociais que engendram a manutenção da delicada situação de sobrecarga de trabalho que se faz vivenciada pelas mulheres que exercem a docência em instituições de ensino público em tempo integral, em meio ao conturbado contexto de precarização do trabalho feminino, consequência da lógica capitalista que expropria os corpos e condições de trabalho das professoras da educação básica na contemporaneidade. A questão problema deste estudo se situa na direção de entender: como as professoras da Escola Cidadã Integral Técnica enfrentam a dupla jornada de trabalho, e como esta sobrecarga reflete na sua convivência familiar? A metodologia utilizada foi qualitativa, por se voltar para a compreensão das narrativas das professoras, apoiadas no método sócio-histórico, com a aplicação de uma pesquisa qualitativa de campo na qual as sujeitas de estudo que compunham um singular grupo focal foram efetivamente escutadas por meio da estratégia metodológica do grupo focal com base no trabalho de Leny A. Bomfim Trad. Conclui-se que a lógica capitalista explora e expropria ainda mais a mulher que atua tanto no âmbito da formalidade, no caso das professoras da Escola Cidadã Integral Técnica, e nesse ponto tem a sua força de trabalho explorada, recebendo por isso uma quantia que pode ser considerada como irrisória, mas também e sobretudo a afeta no que vem a ser a esfera privada de sua vida, na qual, esta exerce um segundo trabalho que não é propriamente remunerado pela sociedade, este que compõem a função de cuidar dos filhos e da casa.

Palavras-chave: Capitalismo; Professoras; Remuneração.

TEIXEIRA, Bruna Mikaelly Fernandes .**Narratives from teachers from the state network of Cariri Ocidental Paraibano about work, pay and education in contemporary capitalismo.** 2024. 44f. Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Sociais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba State – Brazil, 2024.

ABSTRACT

The general objective of this research is to understand the social mechanisms that influence the maintenance of the delicate situation experienced by women who teach in full-time public education institutions, amidst the troubled context presented by Brazilian society in the coming years. to be its contemporaneity. The problem question raised in this academic study is: How do the multiple social pressures that are inherent to the gender of educators negatively influence the full development of their professional activity. The methodology used was largely mixed, since it unifies the parameters of a bibliographical research, due to the elaboration of a theoretical framework whose development becomes crucial to situate the theme effectively developed, with the application of a field research in which the study subjects who made up a single control group were effectively heard. It is concluded that capitalist society further exploits the person of the woman who acts both within the scope of formality and at that point has her labor force exploited, but for this she receives an amount that can be considered as derisory, but also and above all the it affects what becomes the private sphere of her life in which she performs a second job that is not exactly remunerated by society, which comprises the function of caring for her children.

Keywords: Capitalism; Teachers; Remuneration.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	MULHERES, TRABALHO E EDUCAÇÃO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO.....	11
3	TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL TÉCNICA DO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO.....	15
4	NARRATIVAS DOCENTES FEMININAS EM TORNO DO TRABALHO....	26
4.1	ÂMBITO PROFISSIONAL.....	29
4.2	ÂMBITO FAMILIAR.....	33
5	CONCLUSÃO.....	39
	REFERÊNCIAS.....	41
	APÊNDICE.....	44

1 INTRODUÇÃO

A atuação das mulheres na docência, especialmente em instituições de ensino público em tempo integral, está permeada por uma série de pressões sociais que afetam negativamente o pleno desenvolvimento de sua atividade profissional. A presente pesquisa tem como objetivo compreender os mecanismos sociais que influenciam na manutenção dessa delicada situação enfrentada pelas educadoras no contexto contemporâneo da sociedade brasileira.

No cenário educacional atual, as educadoras enfrentam uma série de desafios que vão além das demandas pedagógicas e administrativas. Elas são frequentemente impactadas por normas de gênero, estereótipos sociais e expectativas culturais que moldam suas práticas e limitam suas oportunidades de crescimento profissional. Essas pressões sociais acabam por criar um ambiente desfavorável que prejudica não apenas as educadoras, mas também o processo educacional como um todo.

Ao compreender e analisar esses aspectos, esta pesquisa busca contribuir para a reflexão e o debate sobre a importância de criar condições mais justas e equitativas para as educadoras, reconhecendo seu valor e suas contribuições no campo da educação e da sociedade como um todo em torno da seguinte problemática: De que forma as múltiplas pressões sociais que se fazem inerentes ao gênero das educadoras influem negativamente no pleno desenvolvimento de sua vida pessoal e profissional?

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender os mecanismos sociais que influem na manutenção da delicada situação que se faz vivenciada pelas mulheres que exercem a docência em instituições de ensino público em tempo integral, em meio ao conturbado contexto apresentado pela sociedade Brasileira no que vem a ser a sua contemporaneidade.

A motivação principal para o desenvolvimento da presente pesquisa se relaciona muito intimamente com minhas vivências enquanto profissional pertencente ao gênero feminino, assim como minhas colegas me esforço em demasia para tentar superar o peso excessivo que tem uma carga dupla ou por vezes tripla de trabalho, proveniente do imperativo de gênero [estigma] que se faz exercido justamente sob meu gênero, visando assim entender com mais profundidade as questões sociais inerentes a atuação feminina no âmbito educacional.

A princípio, visando a determinação do tema a ser efetivamente pesquisado fui capaz de perceber que determinadas profissões possuíam um contingente feminino muito mais proeminente do que as demais em razão de sua relação com determinadas características associadas a “vocação natural” do gênero feminino, conforme expressou Gonsales (2017) em um artigo cujas considerações auxiliaram na definição da temática posteriormente adotada na referida pesquisa.

Entre as profissões que possuíam relação direta com a alegada “vocação natural” das mulheres destaca-se a atividade docente, esta que se situa na tarefa de atender/acolher indivíduos que estejam cronologicamente no período classificado como infantojuvenil, reforçando-se assim a ideia de que as mulheres possuem o ímpeto natural de se dedicar a cuidar de crianças o que não passa de uma mera convenção de ordem social que inadvertidamente as impulsiona a exercer determinados papéis na sociedade.

Em vista disso o presente trabalho se fez escrito motivado por uma vontade particular de expor determinadas questões que imobilizam as profissionais que exercem a docência, abrindo espaço para que suas falas sejam de fato percebidas em um contexto capitalista, esta sociedade que nos diminui enquanto seres complexos dotados de múltiplas capacidades e reduz a um papel profissional amplamente estigmatizado.

Os procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa possuem uma característica amplamente mista, uma vez que este unifica os parâmetros de uma pesquisa bibliográfica, em virtude da elaboração de um referencial teórico cujo desenvolvimento vem a ser crucial para situar a temática efetivamente desenvolvida, com a aplicação de uma pesquisa de campo na qual as mulheres que compunham um singular grupo foram efetivamente ouvidas.

Esta pesquisa está estruturada em 3 (três) capítulos, o primeiro destina-se ao debate da categoria trabalho na visão dos clássicos e na perspectiva da teoria social crítica de Mirla Cisne, Silvia Federici e Helena Hirato. O segundo capítulo trata da metodologia do grupo focal empregada na pesquisa e a problemática das mulheres com a sobrecarga de trabalho. Por fim, o terceiro capítulo traz as narrativas das professoras sobre o trabalho e uma análise sociológica a respeito.

2 MULHERES, TRABALHO E EDUCAÇÃO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Na visão dos clássicos da teoria social crítica, como Marx e Engels, o trabalho é um conceito central para compreender as dinâmicas sociais e econômicas. Eles argumentam que o trabalho é a base da produção material da vida social e que a forma como é organizado determina as relações de poder e exploração na sociedade.

Quando observamos a categoria gênero dentro da análise marxista, nos deparamos com a divisão sexual do trabalho, um fenômeno que remete à forma como as atividades produtivas e reprodutivas são distribuídas entre homens e mulheres. Mirla Cisne (2015), Silvia Federici (2019) e Helena Hirata (2016) são autoras contemporâneas que expandem essa análise, destacando como a divisão sexual do trabalho é uma ferramenta essencial para a reprodução do sistema capitalista.

Silvia Federici (2019), em sua obra "O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista", argumenta que o trabalho reprodutivo, historicamente desempenhado pelas mulheres, foi subjugado e desvalorizado pelo capitalismo. Ela destaca como o cuidado, tanto dentro quanto fora do ambiente doméstico, é fundamental para a reprodução da força de trabalho, mas é frequentemente invisibilizado e não remunerado. Federici (2019) aponta como a apropriação desse trabalho gratuito pelas estruturas capitalistas perpetua a exploração das mulheres e aprofunda as desigualdades de gênero.

Mirla Cisne (2015), em suas análises sobre trabalho e gênero, ressalta como a dicotomia entre trabalho produtivo (geralmente associado ao masculino) e trabalho reprodutivo (associado ao feminino) é uma construção social que marginaliza as mulheres e as mantém em posições de subalternidade. Ela destaca a importância de reconhecer e valorizar o trabalho de cuidado como parte integrante da economia e da sociedade.

Helena Hirata (2016), por sua vez, enfoca a questão do cuidado como um processo de trabalho essencial para a reprodução da vida e da força de trabalho. Ela argumenta que a lógica capitalista expropria esse trabalho, colocando-o no âmbito do não remunerado ou mal remunerado, o que contribui para a exploração e a precarização das mulheres no mercado de trabalho.

Em síntese, as análises de Federici, Cisne e Hirata convergem ao destacar como a divisão sexual do trabalho e a apropriação do cuidado pela lógica capitalista

perpetuam a opressão das mulheres e sustentam a estrutura de exploração do sistema econômico dominante.

A presente pesquisa acadêmica se dispõe a compreender qual a situação social experienciada por professoras da Escola Cidadã Integral Técnica considerando que essa classe de trabalhadoras é formada em grande parte por profissionais do sexo feminino. Cabe destacar que historicamente os postos de trabalho relacionados ao desenvolvimento da prática docente são ocupados em sua ampla maioria por mulheres, segundo aponta Neves et al. (2019, p. 3) existe uma diferença muito nítida na forma com que as mulheres constroem suas relações no âmbito profissional ou mesmo escolar de modo que estas tendem a demonstrar um senso de afetividade mais aguçado do que os colegas profissionais que pertencem ao gênero masculino.

Tal diferença de ótica é percebida no rol das profissões que são majoritariamente ocupadas por mulheres o que pode ser também um indicativo de convenções sociais, estabelecidas com a moral social que na base o patriarcado, motivadas na maioria das vezes por padrões de gênero discriminatórios, uma vez que segundo um importante informe elaborado pelo DIEESE (2024) cuja sigla sumariza a expressão Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico, por meio desse levantamento foi possível se comparar percentualmente o rendimento médio de uma mulher em relação aos seus colegas do gênero masculino, estes que exerciam a exata mesma função.

Estudo esse que revelou uma disparidade salarial que alcança patamares incômodos sobretudo quando se colocava nessa balança o peso aparentemente negativo da ancestralidade negra, cabe se considerar que essa discrepância é amplamente discutida tanto dentro como fora do âmbito acadêmico, razão pela qual devem ser realizadas políticas públicas de ações afirmativas que visem concretamente nivelar essa situação.

Fato é que embora a docência inegavelmente seja uma profissão de extrema relevância para a manutenção da sociedade humana como um todo, afinal é por meio da lições habilmente ministradas pelos educadores que os alunos se instruem a respeito do conhecimento que se fez gradativamente acumulado ao longo da história, conforme aponta a acadêmica de sobrenome Gonsales (2007) que em seu artigo pondera a respeito do fenômeno a qual esta denominou acertadamente como “feminização do ensino” sobretudo no âmbito histórico nacional.

Segundo o levantamento histórico promovido por Gonsales (2007) se faz possível notar que a situação vivenciada pelas educadoras no período contemporâneo ainda carrega o estigma de uma trajetória que se fez marcada por conceitos arcaicos, pois naquela época, por volta de 1970, entendia-se que era da vocação natural feminina cuidar das crianças o que levou a abrir um importante caminho na qual a estas foram permitidas o exercício da carreira docente voltada especialmente a instrução de crianças.

Nota-se que na hierarquia escolar determinadas funções são exercidas por indivíduos que ostentam um determinado perfil que não é apenas profissional, nesse sentido Gonsales (2007) se atenta para o intrigante fato de que os cargos de diretoria das instituições de ensino que abrangem os níveis médio e fundamental, são comumente mais ocupados por indivíduos do gênero masculino, enquanto que a docência nesses casos é exercida em sua vasta maioria por profissionais mulheres.

Existe também uma discrepância salarial bastante nítida que coloca as profissionais do gênero feminino em uma posição tida como menos prestigiada em relação aos colegas pertencentes ao gênero oposto, tendo em vista que a sociedade entende que em razão do homem teoricamente exercer o papel de principal provedor a remuneração dessas trabalhadoras seria apenas simbólica, por mais que em verdade muitas dessas docentes sustentem suas unidades familiares sem qualquer auxílio masculino, outro fator que deve ser destacado é o fato de que se espera que a mulher exerça esse tipo de trabalho apenas por amor, uma vez que possui o alegado dom do cuidado inerente à natureza feminina.

Portanto, em vista de se investigar da melhor forma possível a atual situação vivenciada por essas profissionais que atuam em território paraibano, especificamente na Escola Cidadã Integral Técnica, o presente capítulo se alicerça na colaboração de um grupo de educadoras que se dispôs a participar desse processo de investigação científica, estas prestaram importantes depoimentos no sentido de se elucidar a questão problema que se faz levantada nesta pesquisa: De que forma as múltiplas pressões sociais que se fazem inerentes ao gênero das educadoras influem negativamente no pleno desenvolvimento de sua vida pessoal e profissional?

Ressalta-se que para Gil (2008) o problema de pesquisa trata-se de um elemento demasiadamente relevante para que ocorra o desenvolvimento de um estudo acadêmico científico, estando esta indagação direcionada para as inquietações que despertam particular interesse na parte autora da pesquisa,

conforme expresso na seguinte linha de raciocínio “problema é qualquer questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento” Destaca-se também que a pesquisa aqui registrada é ambientada em uma instituição de ensino pública que se dispõe ao período integral ao qual se faz importante elencar as considerações transcritas pela estudiosa Bezerra (2013) esta que em seu artigo acadêmico expressa as características desse modelo de ensino em específico, segundo ela o tempo extra dedicado às atividades escolares pode ser bastante benéfico para o estudante.

Todavia deve ser salientado que esse modelo de ensino em particular torna necessário que os profissionais da área da educação recebam a devida instrução a fim de corresponder ao que Bezerra (2013, p. 8) chamou explicitamente por ideário de professor ou seja, existe uma expectativa quanto a esse modelo de ensino e muitas vezes a responsabilidade por tornar isso definitivamente realidade acaba recaindo sobre a pessoa do professor, este que em contrapartida não recebe o devido crédito salarial por seus esforços ou mesmo o aporte necessário para que consiga desenvolver plenamente as atividades programáticas.

3 TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL TÉCNICA DO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO¹

Vem a ser importante observar que o processo metodológico empregado para a efetiva realização do presente estudo acadêmico científico visa sobretudo obter um conjunto de informações de ordem qualitativa, em razão de se buscar desenhar os muitos pormenores inerentes a um cenário evidentemente complexo, para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico, este que permitiu contextualizar o cenário na qual a população do grupo de professoras estava inserida.

Cabe se pontuar que no entendimento particular da dupla de pesquisadores Markoni e Lakatos (1992) o conceito de pesquisa científica abrange toda a ação que se dispõem a extração de informações consideradas como pertinentes a um tópico particular de interesse, esse processo investigativo se faz abastecido por meio de fontes que podem ser tanto diretas ou até mesmo indiretas, em seu artigo a destacada dupla de autores apresentam a seguinte definição quanto ao que entende-se por pesquisa direta ou indireta, conforme recorte que encontrasse reproduzido a seguir:

Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. Os dois processos pelos quais se podem obter os dados são **documentação direta** e **indireta**. A primeira constitui-se, em geral, no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. Esses dados podem ser conseguidos de duas maneiras: através da **pesquisa de campo** ou da **pesquisa de laboratório**. Ambas se utilizam das técnicas de observação direta intensiva (observação e entrevista) e de observação extensiva (questionário, formulário, medidas de opinião e atitudes técnicas mercadológicas. A segunda serve-se de fontes de dados coletados por outras pessoas, podendo constituir-se de material já elaborado ou não. Dessa forma, divide-se em **pesquisa documental** (ou de fontes primárias) e **pesquisa bibliográfica** (ou de fontes secundárias) (Markoni; Lakatos, 1992, p. 43, grifo nosso).

No caso específico da pesquisa que se faz empreendida no presente trabalho tem-se a uma característica amplamente mista, uma vez que este unifica os parâmetros de uma pesquisa bibliográfica, em virtude da elaboração de um referencial teórico cujo desenvolvimento vem a ser crucial para situar a temática efetivamente

¹ O Cariri Ocidental Paraibano é uma região localizada no estado da Paraíba, Brasil. É caracterizada por uma diversidade geográfica que inclui áreas de serras, vales e caatinga, o que influencia sua economia e cultura. A região é formada por vários municípios, entre eles Monteiro, Serra Branca e Sumé, sendo Monteiro a cidade mais populosa e um importante centro econômico e cultural. O Cariri Ocidental possui uma economia baseada na agropecuária, com destaque para a criação de caprinos e ovinos, além de agricultura de subsistência. Culturalmente, a região preserva tradições nordestinas, como festas juninas, artesanato e música típica.

desenvolvida, com a aplicação de uma pesquisa de campo na qual as mulheres que compunham um singular grupo foram efetivamente ouvidas.

Destaca-se também que este grupo é composto integralmente por 11 (onze) professoras voluntárias provenientes de uma mesma instituição de ensino integral localizada no estado da Paraíba, também deve ser dito que o critério de seleção das participantes visou sobretudo priorizar a criação de um grupo diverso de pessoas a fim de que a discussão proposta fosse amplificada, levou-se em conta elementos como: orientação sexual; estado civil; diversidade de raça e que possuíam ou não filhos.

Em virtude de se obter um panorama mais assertivo quanto a complexa realidade vivenciada por estas dedicadas profissionais do ensino, se fez necessário o emprego do método denominado como Grupo Focal, este que segundo Bomfim (2009) possui determinadas particularidades que possibilitam uma percepção demasiadamente mais ampla a respeito da realidade de fato.

Uma vez que ao contrário de uma entrevista individual na qual as respostas possuem apenas um único direcionamento possível, observa-se que por meio de um grupo focal se tornam aparentes as muitas relações sociais em um diálogo que pode ser bem mais aberto e também menos engessado, possibilitando dessa forma o surgimento de relevantes contrapontos, fomentados em decorrência da pluralidade do perfil das participantes do grupo.

Desse modo cabe destacar trecho na qual o pesquisador Bomfim (2009) esclarece que esse método de abordagem investigativa se destina a realizar um recorte específico em dentro de uma determinada população, esta que efetivamente costura junto um arremedo bastante rico de informações que posteriormente se farão analisadas pela pessoa do pesquisador, conforme segue:

Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (Bomfim, 2009, p. 780).

Para a melhor construção de um grupo focal Bomfim (2009, p. 783) adverte que os integrantes devem possuir alguma *característica* que seja universal e se relacione ao tema desenvolvido no estudo, tomando como efetivo exemplo a presente pesquisa, observa-se que este estudo conta com a participação de um grupo focal bastante homogêneo.

Tendo em vista o fato de que todos os participantes tratam-se de pessoas que compartilham o sexo feminino e a carreira na área educacional, com a exceção de ministrarem disciplinas com temáticas distintas. Portanto deve ser considerado que o presente estudo investiga a fundo questões profissionais e pessoais das educadoras no contexto Paraibano. Segue trecho na qual o supramencionado autor proferiu os seguintes argumentos:

Os participantes de um grupo focal devem apresentar certas características em comum que estão associadas à temática central em estudo. O grupo deve ser, portanto, homogêneo em termos de características que interfiram radicalmente na percepção do assunto em foco (Bomfim, 2009, p. 783).

Salienta-se que Corrêa *et al* (2021) observa que o pesquisador enquanto no exercício de seu papel de mediador na construção de um grupo focal, precisa se ater a determinadas práticas, estas que se fazem relevantes para o pleno andamento dessa dinâmica em particular, razão pela qual este deve evitar incidir suas opiniões aos participantes para não contaminar as suas declarações e sobretudo garantir a organização, observando que o tema proposto se faça efetivamente trabalhado pelo grupo.

Em relação ao papel do moderador na condução do Grupo Focal, é necessário que este tenha respeito ao princípio da não diretividade, e também deve ter cuidado para que a comunicação se desenvolva sem ingerências, tais como opiniões particulares, formas de intervenções diretas ou conclusões. Logo, o moderador deverá fazer encaminhamentos referentes ao tema, intervenções que favoreçam as trocas, bem como estar atento aos objetivos de trabalho do grupo (Corrêa *et al.* 2021, p.44).

Em relação ao número de participantes que se faz ideal para a construção de um grupo focal cabe considerar que tanto Bomfim (2009) quanto Corrêa *et al.* (2021) argumentam que esta pode variar bastante, mas ambas as pesquisas consideram ser ideal que a quantidade de pessoas a serem submetidas a esse método de entrevista grupal não seja tão grande, uma vez que de acordo com Corrêa *et al.* (2021) deve se considerar que “grupos maiores restringem a troca de ideias” e tal fato se faz corroborado no seguinte trecho, proveniente do estudo promovido por Bomfim (2009).

Em nossa experiência, temos encontrado uma média de dez participantes por grupo. Em apenas uma situação em que foram contabilizados 16 participantes no grupo focal, foi especialmente difícil a condução das discussões. Comprovou-se, na ocasião, a dificuldade de garantir a participação (Bomfim, 2009, p. 782).

Conforme mencionado logo no início do presente segmento, entende-se que a pesquisa aqui empreendida tem como abordagem a investigação de cunho amplamente qualitativo isto ocorre em virtude da grande relevância que os depoimentos das educadoras que participaram do grupo focal desempenham para o pleno andamento desse estudo, por meio de suas declarações é possível interpretar detalhes a respeito da realidade que vivenciam através de uma óptica relativamente bastante peculiar, nesse ponto o grupo focal acaba por ampliar grandemente esse horizonte, pois possibilita que múltiplos pontos de vista sejam sobrepostos ou mesmo até que as vivências similares sejam efetivamente somadas em razão de um denominador comum.

Destaca-se a seguir um recorte proveniente de um artigo acadêmico escrito pelo pesquisador de sobrenome Flick (2013) na qual este apresenta um argumento que se encontra em consonância com o exposto no parágrafo anterior,

Os participantes de um estudo podem experienciar a situação de pesquisa da seguinte maneira: eles estão envolvidos no estudo como indivíduos, sendo deles esperado que contribuam com suas experiências e visões de suas situações particulares de vida. Há um escopo para o que eles enxergam como essencial, para abordar as questões de maneira diferente e para proporcionar diferentes tipos de respostas com diferentes níveis de detalhamento. A situação de pesquisa é concebida mais como um diálogo, em que a sondagem, novos aspectos e suas próprias estimativas encontram o seu lugar (Flick, 2013 p. 24).

Outro aspecto que teve de ser considerado para o efetivo desenvolvimento da presente pesquisa científica trata a respeito do fator logística, esta que geralmente é permeada por imprevistos dos mais diversos, conforme argumentam a dupla de autoras Markoni e Lakatos (2003) que consideram que uma das principais virtudes de um pesquisador é justamente o elemento da perseverança, contudo esteve também deve possuir um senso de organização funcional, conforme encontra-se expresso no recorte a seguir:

Etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos. É tarefa cansativa e toma, quase sempre, mais tempo do que se espera. Exige do pesquisador paciência, perseverança e esforço pessoal, além do cuidadoso registro dos dados e de um bom preparo anterior. Outro aspecto importante é o perfeito entrosamento das tarefas organizacionais e administrativas com as científicas, obedecendo aos prazos estipulados, aos orçamentos previstos, ao preparo do pessoal. Quanto mais planejamento for feito previamente, menos desperdício de tempo haverá no trabalho de campo propriamente dito, facilitando a etapa seguinte (Markoni; Lakatos, 2003).

3.1 AS MULHERES, A EDUCAÇÃO E O CAPITALISMO

Para compreender as relações de trabalho feminino na sociedade capitalista é necessário antes de tudo conceituar a ideia de trabalho, emprego e capitalismo. Para Marx (1996 *apud* Figueiredo, 2013), o trabalho é fundamental para existência humana, que transforma a natureza para sua sobrevivência desde o homem primitivo. Já o emprego é uma relação social específica de produção na qual os trabalhadores vendem sua força de trabalho aos proprietários dos meios de produção, os capitalistas, em troca de um salário.

No modo de produção capitalista o trabalhador é explorado produzindo a mais-valia, o trabalho não remunerado. O capitalismo sobrevive da desigualdade e opressão sobre homens e mulheres corrompendo o corpo e o espírito (ainda segundo Marx 1996 *apud* Figueiredo, 2013). Existe hierarquia em todos os espaços, definidos pelo sexo, gênero, raça e classe, ou seja, a mulher negra e pobre está em um contexto ainda mais marginalizado (Safiotti, 1969).

Dessa maneira, a mulher é uma peça fundamental para manutenção do capitalismo que ativamente explora todos os aspectos da sua existência, quando realiza o trabalho remunerado de maneira formal e informal e o trabalho não remunerado assumindo papéis de cuidado na família, isso se faz evidenciado na dimensão das profissões costumeiramente ocupadas por mulheres, estas que são por vezes análogas às funções desempenhadas por uma mãe, conforme observado por Gonsales (2017).

Atenta-se que no processo de desenvolvimento do capitalismo a figura da mulher sofreu um intenso processo de exploração, realmente singular na qual não apenas a sua força de trabalho foi indiscriminadamente utilizada por meio da execução de atividades domésticas ou mesmo executando serviços em fábricas, mas de uma forma muito mais profunda estas tornaram-se em verdadeiras máquinas reprodutoras

cuja função reprodutiva é fundamental para a manutenção da sociedade, conforme explicitado na citação que segue:

As mulheres, no desenvolvimento capitalista, sofreram um duplo processo de mecanização. Além de serem submetidas à disciplina do trabalho, remunerado e não remunerado, em plantações, fábricas e em seus lares, foram expropriadas de seu corpo e transformadas em objetos sexuais e máquinas reprodutoras (Federici, 2023, p.27).

E deve ser dito que esse processo de exploração não ocorreu sem alguns focos importantes de resistência, como bem se faz colocado por Federici (2023, p. 27) em uma publicação na qual descreve que ocorreu um processo de demonização de algumas mulheres no período da idade média, estas foram rotuladas como bruxas muito em razão de se recusarem a submeter seus corpos as vontades do sistema.

Nisso deve ser colocado que desde antes da abolição da escravatura entendia-se que a mulher desempenhava um papel fundamental na economia, conforme se faz evidenciado na declaração transcrita pelo terceiro presidente estadunidense Thomas Jefferson, segundo ele a capacidade reprodutiva da mulher que pode gerar uma criança no período de dois anos é mais lucrativa do que o melhor homem empregado em uma fazenda, em virtude do acréscimo exponencial do capital (Federici, 2023, p. 29)

Quando se fala das definições de Marx é importante lembrar que o contexto de revolução industrial século XVIII na Europa, onde no Brasil veio a acontecer um aumento expressivo na demanda por trabalhadores qualificados o que se fez seguido a propagação de um discurso flagrantemente discriminatório, este que equivocadamente rotulava as mulheres como menos capazes do que os demais profissionais do gênero masculino, lançava-se mão de argumentos tidos como “científicos” em prol de se repelir esse contingente feminino de estabelecer uma disputa profissional com os homens, conforme expresso no trecho a seguir:

A partir da Revolução Industrial, o Brasil necessitou de uma demanda maior de trabalhadores, e junto com isso começou a ser criado um discurso da inferiorização da mulher, que por meio da biologia e da medicina tentava se explicar a diferença cognitiva entre homens e mulheres, fazendo com que a mulher assumisse o papel da “incapacidade” para atuar na esfera pública. Além, do discurso da medicina, criou-se também um papel moral da mulher, em que sua função seria de cuidar da casa e dos serviços domésticos, educar os filhos e ser boa esposa. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a industrialização e a modernização precisavam dessa demanda de trabalhadores, as mulheres sofriam um preconceito enraizado por adentrarem à vida pública (Gonsales, 2017, p. 54).

Heleieth Saffioti em sua obra “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade” explica que o capitalismo no Brasil aconteceu de modo diferente em relação a Europa, já que é um país com a economia de exportação e o processo de industrialização aconteceu de modo tardio. Em sua obra ela denuncia as condições precárias e de exploração trazidas no modo de produção capitalista na divisão sexual do trabalho, que naturaliza os papéis socialmente construídos e designados para homens e mulheres limitando os espaços ocupados por ambos, onde a mulher mesmo com uma jornada extensa de trabalho formal está na maioria das vezes destinada a cuidar da casa e dos filhos já que é o sexo que dá à luz, ou seja “o sexo frágil”, sendo os papéis impostos socialmente tidos como naturais.

As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas, antes de tudo, construções sociais. Homens e mulheres não são uma coleção – ou duas coleções – de indivíduos biologicamente distintos. Eles formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica: as relações sociais de sexo. Estas, como todas as relações sociais, têm uma base material, no caso o trabalho, e se exprimem através da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada, de maneira concisa, divisão sexual do trabalho (Kergoat, 2000 p. 67).

Saffioti (1976) também examina a dualidade da mulher na sociedade capitalista: se por um lado, ela é vista como um membro essencial da força de trabalho, cujo trabalho é muitas vezes explorado; por outro lado, ela é frequentemente relegada a papéis tradicionais dentro do núcleo familiar, responsável pelas tarefas domésticas e cuidados com os filhos, o que limita sua participação plena na vida pública e econômica.

A divisão sexual do trabalho se enraizou de tal forma na sociedade que atualmente não temos leis que proíbam homens e mulheres de ocupar determinados espaços, mesmo assim temos espaços majoritariamente femininos e masculinos, para um, o papel do cuidado, e para os outros cargos de poder. Segundo os dados disponibilizados pelo DIEESE (2023), no Brasil, as mulheres são apenas 40% dos cargos ocupados com a administração pública e chegam a receber até 15% a menos.

Em vista desses aspectos inerentes à condição social feminina cujas atribuições são de todo cruciais para o desenvolvimento da sociedade capitalista moderna, muito embora persista o entendimento de que os afazeres domésticos comumente atribuídos a mulheres não configuram como uma atividade assalariada, ao qual segundo Federici (2004) é classificado como um serviço pessoal, sem ter uma

correlação estreita com o acúmulo de capital o que em tese os tornaria irrelevantes na perspectiva do capitalista. Mas deve-se destacar que essas atividades são na verdade fundamentais para a manutenção da ordem social vigente.

Desse modo, a assimetria de poder entre mulheres e homens na sociedade capitalista não podia ser atribuída à irrelevância do trabalho doméstico para a acumulação capitalista – o que vinha sendo desmentido pelas regras estritas que governavam as vidas das mulheres – nem à sobrevivência de esquemas culturais atemporais. Pelo contrário, devia ser interpretada como o efeito de um sistema social de produção que não reconhece a produção e a reprodução do trabalho como uma fonte de acumulação do capital e, por outro lado, as mistifica como um recurso natural ou um serviço pessoal, enquanto tira proveito da condição não assalariada do trabalho envolvido (Federici, 2004, p. 7).

Deve ser observado que o interesse pela capacidade reprodutiva das mulheres se manteve apesar dos novos adventos tecnológico, estes que tornaram possível a substituição dos trabalhadores por máquinas tidas como mais eficazes, em decorrência da necessidade que o sistema capitalista tem por estimular o consumo, isso acarreta na necessidade de existir uma população de consumidores que se faz constantemente renovada, pois o sistema capitalista se mantém no consumo que deve ser cada vez mais crescente e parte disso tem relação com as taxas de natalidade, portanto a figura feminina exerce uma função bastante relevante na manutenção desse sistema, conforme pode ser lido no trecho que segue:

É um erro, de fato, supor que o interesse da classe capitalista pelo controle da capacidade reprodutiva das mulheres possa estar diminuindo em razão de sua capacidade de substituir trabalhadores por máquinas. (...) O capitalista precisa de trabalhadores e também de consumidores e soldados. É por isso que o tamanho real da população ainda é uma questão de grande importância política (Federici, 2023, p. 34).

Acrescenta-se que em determinados países as taxas de natalidade estão decrescendo significativamente em razão de uma recusa a qual Frederici (2023) classifica como silenciosa e que deriva de contextos sociais mais favoráveis e que permitem uma liberdade de escolha as pessoas que pertencem ao gênero feminino, estas que passam de fato a gerir as condições de suas próprias vidas o que infelizmente não é uma realidade unânime, pois ainda em muitos países a única maneira das mulheres adquirirem um reconhecimento social ocorre por meio da maternidade, como pode ser lido no recorte a seguir:

Já ocorre uma recusa ampla, embora silenciosa, da procriação. A taxa de natalidade vem diminuindo há algum tempo também nos Estados Unidos. As mulheres tem hoje menos filhos por que isso significa menos trabalho doméstico, menos dependência de homens ou de um emprego, porque se recusam a ver a própria vida consumida pelas tarefas maternas ou porque não tem desejo de se reproduzir e, sobretudo nos Estados Unidos, por que não tem acesso a contraceptivos e ao aborto. Em países onde não há seguridade social nem sistema de aposentadoria, ter um filho pode ser a única possibilidade de sobrevivência e a única forma de uma mulher ter acesso à terra ou ganhar reconhecimento social. Nossa tarefa, portanto, não é dizer às mulheres que elas não devem ter filhos, mas assegurar que possam (Federici, 2023, p. 34).

Percebe-se que no âmbito escolar essa divisão entre gêneros acaba por se fazer reproduzida, conforme argumenta Gonsales (2017) em seu artigo na qual esta pesquisadora se dedica a investigar a respeito das razões históricas e sociais que tornam a docência um ambiente tido atualmente como feminino, ainda que em um passado recente as mulheres não pudessem se instruir, em virtude de sua posição social flagrantemente desfavorável, segundo esta autora ainda que exista uma proeminência de educadoras as posições de gerência das instituições de ensino costumam quase sempre estar ocupadas por homens, conforme se faz expresso na citação que segue:

Com o discurso de que a mulher estava exercendo a sua “vocação natural” uma vez dentro do lar ela lidava com crianças e com educação, o salário continuava inferior ao dos homens, e o cargo de superioridade nas escolas – diretor e coordenador – passou a ser essencialmente masculino, ficando dessa forma a mulher responsável por lecionar e o homem em administrar (Gonsales, 2017, p. 56).

Por sua vez, no contexto geográfico do estado Brasileiro da Paraíba avalia-se no que diz respeito à influência exercida pelos fatores de gênero relacionados à empregabilidade, que as mulheres recebem por volta de 10% a menos do que seus colegas que pertencem ao gênero masculino. A Lei de Equiparação Salarial de Gênero de 2024 foi criada para garantir que homens e mulheres recebam salários iguais para trabalhos de igual valor. Essa legislação visa combater a discriminação de gênero no mercado de trabalho, promovendo a igualdade salarial. A lei estabelece que empresas devem revisar suas políticas de remuneração e corrigir quaisquer disparidades injustificadas. Além disso, prevê mecanismos de fiscalização e sanções para as empresas que não cumprirem as novas normas, reforçando o compromisso com a igualdade de gênero e a justiça social.

Destaca-se que tal informação não está muito distante do que se fez percebido pelo sociólogo de origem Francesa Pierre Bourdieu (2012), este que em seu estudo dimensionou o fenômeno da “Dominação Masculina” termo que inclusive intitula a obra na qual este realiza suas importantes considerações, sendo dessa forma a fonte primária da citação que se faz reproduzida na próxima linha:

A melhor prova das incertezas do estatuto atribuído às mulheres no mercado de trabalho reside, sem dúvida, no fato de que elas são sempre menos remuneradas que os homens, e mesmo quando todas as coisas são em tudo iguais, elas obtêm cargos menos elevados com os mesmos diplomas e, sobretudo, são mais atingidas, proporcionalmente, pelo desemprego, pela precariedade de empregos e relegadas com mais facilidade a cargos de trabalho parcial — o que tem, entre outros efeitos, o de excluí-las quase que infalivelmente dos jogos de poder e das perspectivas de carreira (Bourdieu 2012, p.110).

Portanto, salienta-se que a figura feminina nesse sistema vem a ser o sexo que mais trabalha e contraditoriamente trata-se do que efetivamente menos detém o poder, esse fator ocorre, pois, conforme previamente mencionado existe uma lacuna de ordem social bastante considerável entre os dois gêneros que se baseia em nada mais do que estereótipos que se fazem culturalmente enraizados. Tal fator acaba por fazer com que homens exercendo a mesma função que mulheres sejam quase sempre melhor remunerados, mesmo a mulher estando majoritariamente vinculadas à economia do cuidado, trabalho esse amplamente invisibilizado e não apropriadamente remunerado, uma vez que essa garante a responsabilidade com os filhos, serviços domésticos e afins.

Todavia, as funções domésticas, embora econômicas, inibem a determinação da mulher, como pessoa economicamente independente, que deveria ser na sociedade individualista de padrão urbano-industrial capitalista. Deixando a família de comportar-se como o centro da economia, como unidade produtiva, ficam, por assim dizer, divididas as funções domésticas e as funções diretamente econômicas entre os sexos, divisão esta geradora da independência econômica individual em grande escala para o homem e em muito pequena escala para a mulher (Saffioti, 1969, p. 235).

Esta realidade esteve ligada a perpetuação de uma estigmatização e inferiorização que configura-se na incorporação da mensagem passada pelas posturas corporais do que é dito como feminino e masculino para a sociedade através da construção estereotipada do que é feminilidade e masculinidade, servindo como um tipo de molde onde a mulher deveria estar para o cuidado, sensibilidade e submissão familiar permanecendo excluída e fora de importantes decisões sociais,

enquanto os homens estariam para força, proteção e providência familiar, configuração essa que o assegura em determinados patamares decisivos que envolvem não somente sua própria família, mas que geram impacto em toda a sociedade.

Observa-se que existe uma crença enraizada na sociedade capitalista que equivocadamente atribui essas construções de gênero a fatores biológicos inatos, porém segundo a antropóloga Margaret Mead no texto de sua obra intitulada “sexo e temperamento” tais fatores não se reproduzem em sociedades que não são tomadas pelo modelo capitalista, na qual inclusive se tem uma inversão desses papéis de gênero típicos o que demonstra o quanto estes são socialmente construídos e podem ser alterados.

O magistério para as mulheres brasileiras foi uma das poucas profissões tradicionalmente abertas às mulheres de classe média, enquanto as mulheres pobres sempre trabalharam dentro e fora de casa. Apesar de ser um espaço possível para as mulheres, o ensino ministrado por mulheres era voltado para o público infantil, enquanto os homens ocupavam espaços na academia e em cargos administrativos (Dermatini, Antunes, 1993).

Atenta-se que atualmente os cursos de magistério são mais procurados pelas classes mais baixas “gradativamente [...] os cursos de magistério são abandonados pelas moças das camadas médias e passam a ser frequentados pelas jovens de camadas sociais mais baixas” (1989, p.37) (Guacira Louro: Magistério de 1º Grau: um trabalho de mulher), sendo ofertado muitas vezes a noite, o que facilita o acesso a quem trabalha durante o dia, desse modo se trata não apenas de uma questão de desigualdade de gênero, como também de classe social.

Além disso, as professoras muitas vezes assumem uma carga de trabalho adicional, combinando suas responsabilidades profissionais com as tarefas domésticas e os cuidados familiares, reforçando a chamada dupla jornada ou tripla jornada de trabalho. Essa realidade reflete as desigualdades estruturais de gênero presentes na sociedade brasileira, onde as mulheres ainda enfrentam barreiras para alcançar posições de liderança e reconhecimento no campo educacional.

4 NARRATIVAS DOCENTES FEMININAS EM TORNO DO TRABALHO

As narrativas de professoras sobre o trabalho, colhidas por meio de entrevistas, ofereceram um rico panorama das experiências, desafios e realizações vividas no ambiente profissional. Essas histórias pessoais fornecem percepções importantes sobre a realidade cotidiana das docentes, revelando como elas lidam com questões como a sobrecarga das várias jornadas, a gestão de sala de aula, o relacionamento com os alunos, as pressões administrativas e as expectativas sociais. O grupo focal permite captar nuances e perspectivas individuais que são frequentemente perdidas em estudos quantitativos, destacando a complexidade e a diversidade das práticas pedagógicas e das trajetórias profissionais no contexto escolar.

Um grupo focal singular é uma técnica de pesquisa qualitativa que envolve a reunião de um pequeno grupo de pessoas para discutir um tema específico sob a moderação de um facilitador. Diferente de um grupo focal regular, onde várias sessões podem ser realizadas, o grupo focal singular ocorre em apenas uma sessão.

O objetivo é obter insights profundos e detalhados sobre as percepções, opiniões e atitudes dos participantes em relação ao assunto em questão. Essa abordagem é utilizada para explorar temas complexos, gerar ideias, ou aprofundar a compreensão de fenômenos sociais.

O uso de grupo focal pode ser suficiente para criar narrativas, pois permite a coleta de dados qualitativos ricos e detalhados. Durante as discussões, os participantes compartilham suas experiências, perspectivas e histórias pessoais, o que proporciona material valioso para a construção de narrativas.

No entanto, a profundidade e a abrangência das narrativas dependem da qualidade da moderação, da diversidade dos participantes e da relevância do tema discutido. Para uma compreensão mais completa, os grupos focais podem ser complementados com outras técnicas de pesquisa qualitativa, como entrevistas individuais, como foi feito.

Os dados da ficha do grupo focal não aparecem para análise porque são sigilosos. A confidencialidade é essencial para proteger a privacidade dos participantes e garantir que eles se sintam seguros para compartilhar suas opiniões e experiências de forma aberta e honesta. O sigilo dos dados também cumpre com as normas éticas de pesquisa, evitando qualquer risco de identificação ou exposição indevida dos participantes.

Será realizado uma análise ponderada a respeito das considerações prestadas durante o processo de realização do grupo focal, por meio da qual buscou-se ofertar um ambiente que fosse sobretudo hermeticamente seguro a fim de que as participantes se sentissem confortáveis para compartilhar as suas vivências, dessa forma importantes informações puderam ser obtidas o que enriqueceu demasiadamente essa pesquisa.

Com a finalidade de que seja possível organizar melhor essa análise os relatos colhidos se fizeram divididos em duas principais temáticas que frequentemente se destacavam nas falas proferidas pelas educadoras ou melhor dizendo os principais âmbitos na qual estas estavam propriamente inseridas, sendo estes classificados como *âmbito profissional* e *âmbito familiar* ressaltando que embora se tratem de teoricamente espaços diferentes, está latente nas falas dessas educadoras que o aspecto profissional deságua constantemente em aspectos da sua vida particular.

Quanto a instituição de ensino propriamente dita se faz pertinente apresentar que esta possui ao todo (17) dezessete salas de aula temáticas, que foram especialmente construídas para facilitar o ensino de matérias específicas, contando também com um laboratório de ciências e disponibilizando uma Biblioteca teoricamente funcional. Destaca-se que segundo informações provenientes do Projeto político pedagógico implementado pela escola, esta instituição de ensino passou por um processo de reforma a fim de que pudesse comportar a modalidade de ensino integral, conforme citação reproduzida a seguir:

Define-se como instituição educacional integrante do Programa de Escola Cidadã Integral ampliando seu Currículo para tempo integral no ano 2018, possibilitando o aprimoramento e o fortalecimento de sua oferta pedagógica no campo administrativo e pedagógico, contando com um quadro de profissionais qualificados, Gestão Administrativa- financeira e pedagógica selecionadas por Processo Seletivo Simplificado pelo Poder Público e um corpo discente protagonista, criativo e participativo nos diversos projetos desenvolvidos pela escola (Paraíba, 2018, p. 5).

Deve ser levado em consideração que tais instituições escolares voltadas ao ensino integral precisam obedecer determinados parâmetros de ordem pedagógica, de modo que os estudantes possam desenvolver plenamente as suas competências, conforme expresso pela dupla Henrique e Rodrigues (2019) em um artigo científico apresentado na ocasião do V colóquio nacional e do II colóquio internacional voltados

a “produção do conhecimento em educação profissional” conforme evidenciado por trecho que se faz reproduzido a seguir:

Pedagogicamente, a proposta baseia-se na introdução de valores e inovações: protagonismo juvenil, empreendedorismo juvenil, Educação para Valores, educação geral e certificação profissional, avaliações sistemáticas e um foco especial no Projeto de Vida – que tem por objetivo ajudar o jovem a planejar o caminho que precisa construir e seguir para realizar seus planos a curto, médio e longo prazos (Henrique; Rodrigues, 2019).

Todavia, conforme ficará nítido ao longo do presente segmento as educadoras não recebem as orientações e por vezes sequer os instrumentos necessários para o desenvolvimento dessas demandas, muitas vezes o estado apenas encaminha certas obrigações na expectativa de que as professoras arrumem uma maneira de colocá-las efetivamente em prática.

O grupo focal foi realizado na Escola Cidadã Integral Técnica, local de trabalho de todas as integrantes do grupo, no turno da tarde horário cedido pela escola, com 1:30 de duração. Para promover um ambiente mais acolhedor e permitir que as participantes se sentissem mais à vontade, o encontro começou com um café e um lanche oferecido às professoras, que se mostraram bastante receptivas e engajadas na discussão, contribuindo ativamente com suas perspectivas e experiências.

De modo geral, o grupo focal teve uma boa fluidez, apesar das dificuldades enfrentadas pelas professoras para estarem presentes, considerando suas agendas ocupadas. Uma das participantes compareceu mesmo estando doente, enquanto outra precisou levar seu bebê, que adoeceu inesperadamente, demonstrando um forte comprometimento com a pesquisa, porém com o apoio das colegas, a professora Mara conseguiu participar na maior parte do encontro.

Isso demonstra, que como mecanismo de sobrevivência as mulheres desenvolveram um senso de comunidade que nos permite honrar com nossas demandas do dia a dia, mesmo muitas vezes sendo quase impossível dar conta de tantas tarefas impostas, por outro lado, existe também uma dificuldade por parte das mulheres para reconhecer seus próprios limites, não deveríamos ter que colocar qualquer outra coisa acima da nossa saúde e da saúde dos nossos filhos, mas fazemos por conta de algo que foi internalizado e não nos permite estar em falta com o outro.

4.1 ÂMBITO PROFISSIONAL

Em um primeiro momento se fez bastante perceptível nas respostas das professoras um padrão na qual estas classificam o exercício de sua função como algo profundamente terapêutico, fato este que ressoa perfeitamente com as colocações de Karl Marx, quando este argumenta que no sistema capitalista impera a percepção de que o trabalho é um elemento crucial na existência humana plena, uma vez que permite aos trabalhadores a possibilidade de se locomover na sociedade, todavia, também se faz latente na fala dessas educadoras a correlação existente entre a atividade laborativa e as interações sociais, especialmente no que tange o fato destas desempenharem um trabalho em uma instituição de ensino que possui período integral.

Essa questão ecoa mais significativamente na fala da **professora Carla**, uma mulher branca com mais de 50 anos, que não possui filhos ou mesmo um companheiro e tem na função que desempenha na instituição de ensino uma espécie de alento, está descreve sentir prazer em se “arrumar para trabalhar” o que qualifica a sua percepção do trabalho como algo particularmente sagrado, uma vez que adota uma postura cerimonial para exercê-lo. Esta acrescenta que das colegas selecionadas para o trabalho na instituição de ensino na qual estão vinculadas, ela vem a ser a mais velha das que restaram.

Nota-se que apesar de não possuir um núcleo familiar na qual exerça o papel estereotipado de esposa ou mesmo possua herdeiros a **professora Carla** alega possuir uma família a qual demonstra ofertar ajuda significativa através do rendimento de sua atividade laborativa, fato esse que demonstra o papel de cuidado exercido socialmente por uma mulher ainda que esta não possua filhos ou seja casada. Destaca-se que no parágrafo que segue se encontra expresso uma reprodução transcrita de um trecho de sua fala na qual está expõe algumas declarações:

Sou Carla, professora de matemática e estou aqui na Escola Integral desde 2018. Sou da primeira etapa daquela parte de seleção. E assim, para mim foi um desafio, porque a maioria dos meus colegas não quiseram fazer essa escolha, então foram embora e ficaram poucas. E, para mim, foi um desafio, sendo a mais velha do que as outras que ficaram aqui. E eu disse, é um desafio, eu vou fazer, eu vou passar e eu vou ficar. Então, estou aqui, nessa escola integral, desde 2018, e que, para mim, assim, eu venho com prazer. Eu tenho o maior prazer de me arrumar para vir trabalhar. Sei que tem momentos em que a gente está cansada, sem vontade, mas, assim, como eu moro só, não tenho filho, não tenho esposo, sou solteira, mas eu dou muita atenção e assistência à minha família, que é grande, né? Então, eu contribuo muito na vida deles.

Ainda nessa perspectiva, embora concordem que têm rotinas sobrecarregadas, principalmente as professoras que são mães e precisam dar conta do cuidado e afazeres domésticos além do trabalho docente, o trabalho ainda é visto como uma fuga, como menciona a **professora Ana**, que é divorciada e mãe solo de dois filhos:

Então, só tenho a agradecer. Às vezes, a escola integral, ela é puxada, é cansativa, mas ela serve até inclusive de porta de escape, porque minha mente tranquiliza mais. Quando eu tô trabalhando, minha mente foge de tanto problema. Mas aí a realidade puxa tudo de volta, e tá tudo certo, e é vida que segue.

Um fator de relevância que se fez levantado por várias das educadoras participantes diz respeito a precariedade das condições de trabalho no que cabe citar um caso envolvendo a Biblioteca da instituição de ensino, este que se fez narrado pela **professora Cleo** que não é casada ou mesmo tem filhos, mas possui uma criação de 25 gatos em conjunto com sua mãe que trabalha em uma ONG voltada à proteção animal, esta deixou transparecer a sua irritação quanto às condições da Biblioteca, segundo ela a aparência do centro de informação lembrava mais um depósito na qual os exemplares estavam totalmente desorganizados ou melhor apenas jogados o que segundo ela contrasta bastante com o ambiente apresentado nas demais instalações da instituição de ensino.

Segundo ela a desorganização presente na Biblioteca prejudicou o andamento de sua disciplina em virtude do tempo desperdiçado na busca por exemplares de um livro que embora constasse no catálogo no momento em que os estudantes foram retirar esses exemplares perdeu-se assim tempo em uma busca, este que poderia ser muito bem otimizada se a Biblioteca possuísse profissionais habilitados. Segue trecho na qual se faz reproduzida a fala dessa educadora:

Sim, também. No caso, professora C elogiou o ambiente da escola e, de fato, arquitetonicamente a escola é bem estruturada, só que há uma falta de articulação e de gestão do ambiente que a gente não tem. no caso do teatro, por exemplo, e como era no caso da biblioteca, que aquilo não era uma biblioteca, pelo menos na minha concepção, era um depósito de livros. Estavam lá os livros sendo depositados e não servia pra nada. Eu precisei, uma vez, de um livro, eu me lembro, era a Trilogia Tabana de Édipo Rei, pra fazer um trabalho com alguns alunos. Eu passei um trabalho extra, eu vi na lista da biblioteca que tinha dos livros, que tinha esse livro lá, eles foram na biblioteca e eles não acharam. Eu fui com eles, a gente passou coisa de 40,

45 minutos procurando pra achar esse livro, antes da organização. Entende? Esse ano o aluno precisou desse livro, a gente achou em dois minutos, ó, tá aqui na prateleira, levou, acabou. E é uma coisa que eu gostaria muito, muito, muito mesmo de produzir arte aqui na escola, porque eu acho que seria fundamental para a escola e para a formação dos alunos. E eu não consigo.

Essa falta de organização acaba prejudicando bastante o andamento das atividades e também proporciona uma sensação de descaso, que se fez presente em vários momentos ao longo do desenvolvimento da dinâmica, existe uma percepção por parte das educadoras de que o seu trabalho embora relevante socialmente, acaba por ser pouco valorizado em um contexto geral. Cabe aqui se pontuar que a referida instituição de ensino Paraibana, recentemente foi submetida a um processo de reforma que em tese deveria ter adequado suas instalações para acomodar a modalidade de ensino integral, contudo, se faz perceptível que a estrutura planejada não corresponde às necessidades da comunidade escolar, sobretudo em um ensino de tempo integral pois sequer possui uma área de descanso ou mesmo uma Biblioteca que seja capaz de comportar um número elevado de estudantes.

Fato este apresentado pela **professora Eva** que possui quatro filhos em idade escolar além de ser casada com um marido, esta demonstra ter ciência de que essa situação é enfrentada por outras instituições de ensino públicas brasileiras, conforme trecho que segue:

Pessoal, assim... Não, pode repassar, só pra ressaltar essa sua fala, Professora Cleo. Não é só aqui na nossa região que acontece esse descaso assim das escolas, né? Se você for olhar em todas as. Cidades de estado, faz pena, né? As escolas também... E sem falar que laboratórios de informática são poucos que tem. Nesse espaço que você falou. Eu acho que tem que ter um olhar de cima, porque eu não culpo o governador. Porque eles recebem de lá de cima, do governo federal. E quantas escolas não são em todo o país? Aí fica a gente pensar.

Nisso também cabe se fazer uma menção para a falta de um programa efetivamente voltado a atualização dessas profissionais que embora particularmente competentes em suas funções, por falta de uma instrução quanto a novos conceitos acabam por ficar defasadas a exemplo do que se fez percebido pela **professora Cleo** que narrou uma situação que se fez vivenciada por ela, na qual uma outra educadora não compreendeu que a sigla PCD se referia à Pessoa Com Deficiência uma vez que essa se referia a esses indivíduos pelo termo *alunos especiais* o que não corresponde mais com a terminologia atual, segundo esta educadora isso exemplificaria um conflito geracional.

Tem uma coisa que eu não sei se as outras pessoas da minha idade vão concordar, mas eu sinto a dificuldade às vezes com a certa diferença geracional com algumas pessoas. Vou dar um exemplo prático, eu acho que não tem nem a ver com geração, tem a ver com formação. O curso, o que eu estudei em pedagogia, de pedagogia, é diferente do que outras pessoas estudaram em pedagogia. Isso gera, às vezes, um ruído de comunicação. Um exemplo, uma vez eu cheguei para conversar com uma professora sobre alunos PCDs. Alunos que são pessoas com deficiência, que é o termo que a gente usa. E a professora ficou, mas o que é isso? O PCD é pessoa com deficiência. Ah, os alunos especiais. A gente não usa mais esse termo. Ah, e deixa de frescura. A gente sempre usou isso. E aí, sabe, você fica, como que eu converso direitinho com essa pessoa para que a gente consiga ajudar esse aluno de alguma forma? E eu sei que não é uma má vontade da pessoa, às vezes é uma diferença na formação.

Essa mesma educadora pontuou que as instituições governamentais tem por hábito de nas palavras dela *jogar as demandas* para as educadoras solucionarem, sem qualquer instrução prévia ou mesmo tempo de adaptação o que segundo ela acaba por afetar demasiadamente o desenvolvimento do trabalho, segundo a **professora Cleo** seria mais adequado que existisse um tempo de preparo o que no caso dela é fundamental uma vez que prefere não lidar com imprevistos, segundo ela isso evidencia uma falta de respeito com as profissionais. Observa-se também que essa falta de programas de qualificação acaba por prejudicar bastante a inserção de estudantes que possuam necessidades específicas derivadas de alguma condição médica adversa, lembrando que muitas vezes em razão da ausência de um profissional mais qualificado, que possa realizar os devidos cuidados para a manutenção do bem estar desses estudantes, tal responsabilidade acaba sendo conferida a essas educadoras.

Fato este que corresponde às afirmativas expostas por Bourdieu (2012) que em sua obra expressou a questão vivenciada pelas mulheres no âmbito do trabalho, cabe trazer à tona aqui que este filósofo apontou não apenas a precariedade enfrentada pelas mulheres no âmbito do trabalho, mas também se atentou para o fato de que estas pouco são permitidas opinar a respeito de decisões gerenciais que as afetam muito diretamente, como vem a ser o caso exposto pela **professora Cleo** em trecho que se encontra reproduzido na próxima linha:

Eu fui fazendo algumas anotações aqui em relação às minhas dificuldades, em relação ao que as colegas iam falando. Eu acho que uma dificuldade que ninguém colocou, citou, mas todo mundo vai concordar, é a gerência barra governo e a forma como eles jogam demandas do nada em cima da gente. É... Tem, e eu não sou uma pessoa boa em lidar com mudanças bruscas. Eu sou uma pessoa, eu costumo comentar que eu sou uma pessoa muito

desorganizada e por isso eu sou muito organizada. No sentido de que se eu não tiver tudo muito milimetricamente organizado, eu não consigo de fato fazer nada, eu não saio do canto. E essas mudanças bruscas que às vezes a gerência dá, de fato me trava e me dificulta muito, muito, muito, muito, muito mesmo o meu trabalho. E é um problema que eu acho uma falta de respeito e consideração enorme com toda a nossa categoria.

E quanto a questão da realização profissional foi possível notar que a maioria considera ter alcançado uma certa satisfação em seu trabalho em virtude dos desafios que são diariamente superados ou mesmo apontam que se encontram em um estado nítido de *fim de carreira* o que se fez repetido nas respostas de algumas educadoras, poucas respostas se orientavam na direção de seguir em uma carreira acadêmica e quanto isto foi comentado partiu-se do interesse pelo incremento salarial possibilitado por essa medida. Nesse sentido em particular se faz importante expor uma fala proferida pela **Professora Carla** e que de certa forma sumariza a percepção do grupo de educadoras a respeito desse assunto:

Então, como minhas colegas também falaram, eu já estou em fim de carreira, tenho três pós-graduação, não almejo mais nada do que isso, estou realizada profissionalmente. E quanto ao lazer, eu amo, é como eu disse a vocês, até a sexta-feira, no máximo, ainda faço alguma coisa. Sexta à noite, sábado, domingo é lazer, é ir para a igreja, é sair, é tomar meus drinks, viajar, conhecer novas pessoas, novo mundo, é isso, eu amo. Vou me aposentar para eu viver dentro de um ônibus que eu vou pagar de passagem nada, 0,800, porque o ônibus é de graça.

Portanto, cabe dizer que em sua maioria as educadoras demonstraram vontade de descansar ao obter mais tempo livre para realizar atividades tidas por elas como prazerosas, seja por meio do desenvolvimento de outra profissão ou como classificou uma delas, pela ação de *empreender* o que segundo ela seria um trabalho menos desgastante e mesmo na perspectiva de uma aposentadoria.

4.2 ÂMBITO FAMILIAR

Por sua vez, no que vem a ser o contexto familiar das participantes do grupo focal observa-se que existem realidades múltiplas que variam bastante, contudo, pode-se perceber que existe na grande maioria das respostas uma obrigação que transparece o papel esperado da mulher no ambiente familiar, nota-se que algumas dessas professoras têm filhos menores de 1 ano, como vem a ser o caso da

professora Ana e da **professora Mara** com o destaque de que esta primeira trata-se de uma mãe solo divorciada, esta que como a maioria das mães nessa condição recebeu a incumbência de cuidar dos filhos, considerando que seu trabalho na instituição de ensino é por um tempo maior do que o habitual, uma vez que se trata de um contexto de ensino integral, esta acaba monitorando a rotina do filho mais velho por meio de chamadas de vídeo ocasionais, enquanto a sua filha fica em uma creche. Ela fez questão de pontuar que não recebe qualquer auxílio e precisa lidar com a circunstância em que se encontra sozinha, segue abaixo trecho com a fala reproduzida dessa educadora:

Boa tarde, sou Professora Ana, professora de filosofia. Minha jornada também é bem pesada, trazendo a realidade. Sou mãe solteira de duas crianças. Do primeiro, sou divorciada. Ele fica sempre trabalhando, estuda de manhã e de tarde vai para casa, fica sozinho. Eu tenho que estar fiscalizando ou por câmeras ou por celular. Inclusive as atividades dele eu vou auxiliando na escola, na distância, como posso. E já a pequena tem oito meses, tá na creche, teve adoentada. Tem essa jornada de enfrentar sozinha, porque não tenho rede de apoio, porque não tenho família, ainda mais aqui em Monteiro. Então, só eu e meus filhos. Não conto com mais ninguém. Só Deus e tá tudo certo. Então, só tenho a agradecer. Às vezes, a escola integral, ela é puxada, é cansativa, mas ela serve até inclusive de porta de escape, porque minha mente tranquiliza mais. Quando eu tô trabalhando, minha mente foge de tanto problema. Mas aí a realidade puxa tudo de volta, e tá tudo certo, e é vida que segue.

Essa disposição para lidar com as atribuições da vida pessoal permeia a fala de cada uma das professoras que salientam o seu apreço pela instituição familiar, reconhecendo que muitas vezes acabam por se submeter a uma jornada mais extenuante do que aquela vivenciada por seus companheiros homens, considerado que estas além de desempenharem o trabalho na instituição de ensino também são responsáveis por boa parte da manutenção de suas residências bem como com o amparo de seus filhos.

No caso da **professora Ana** que conforme se fez mencionado anteriormente, possui dois filhos pequenos com idades similares aqueles de sua colega **professora Mara** com a diferença de que esta possui um marido, contudo, nota-se em sua fala que as principais responsabilidades com a manutenção do lar recaem em grande parte para a pessoa dela, bem como o cuidado com os filhos e essa vem a ser a razão pela qual esta se declara *sobrecarregada* pois acaba se esforçando para atender um padrão social na qual a mulher deve ser a principal organizadora da casa em uma relação matrimonial, segue trecho com o depoimento desta educadora:

Eu sou Professora Mara e, diante da fala da minha colega Lara, eu sou tudo oposto. Eu sou sobrecarregada, eu tenho dois filhos, uma de seis anos e um bebê que, inclusive, vai sair o barulhinho dele nos áudios da fala das minhas amigas aqui. E é uma vida bem conturbada, mas eu sou uma mulher muito realizada. Eu sou feliz, porque eu acredito que quando Deus nos dá uma missão e a gente pode, se ele me der porque eu estou tendo condições de cuidar. São duas crianças de temperamento diferente, de pensamento diferente, e a rotina é muito pesada, porque além de profissional que tem que dar conta de sua sala de aula, de se preparar, sou mãe, dona de casa e esposa. Então, assim, é muitas demandas, fora os compromissos também da igreja que eu faço parte.

Existe um sentimento muito peculiar que pode ser traduzido perfeitamente pela palavra resiliência e que se faz explicitado mais precisamente nas declarações da **professora Rosa** que exerce também a função de esposa, além de ter de cuidar de seus dois filhos pequenos e que notavelmente demandam um maior cuidado, esta comenta a respeito da sua insatisfação quanto a sobrecarga proporcionada pela infame dupla jornada de trabalho, isto a fazia reclamar muito em razão de seu cansaço persistente que inclusive se mantém, segundo ela ocorreu uma mudança na forma com que efetivamente percebe essa situação comum a todas as profissionais, ela constatou que precisaria mudar a si mesma em razão de não poder promover as mudanças necessárias em seu contexto de vida.

Boa tarde a todos, eu sou **professora Rosa**. Sou professora, esposa, mãe de dois filhos. Já teve uma fase da minha vida que eu reclamava muito. E eu sempre reclamava e dizia, né? Isso aqui é muito cansativo. Isso aqui, tudo eu reclamava, tudo eu procurava um motivo para reclamar. E eu estava vendo que todas essas queixas estavam sendo piores, estavam sendo mais negativas para a minha vida. Porque essa vida dupla, todas nós que temos o trabalho e a casa, ela nunca vai acabar, né? O cansaço vai permanecer. seja você casada ou não, seja você com filhos ou não, depende muito das prioridades que nós damos e a nossa gestão de tempo. Então eu comecei a pensar mais sobre isso, a trabalhar mais a gestão de tempo na minha vida, para que eu pudesse tirar algumas horas também para descansar, meu corpo precisa disso, para que eu possa fazer também atividades prazerosas, para que eu consiga, de fato, superar todas essas dificuldades.

Embora seja uma postura que possa trazer resultados positivos para a vida da profissional se faz importante considerar que se não existir uma real mudança de paradigma que possa definitivamente proporcionar um novo contraste de tonalidades no que diz respeito às situações lamentavelmente vivenciadas por essas educadoras, tais situações permaneceram constantes e pode-se notar que o cansaço deriva de uma rotina, ou melhor dizendo carga de trabalho desproporcional que exige delas tanto no que vem a ser o desempenho de suas atividades laborativas, como também

que cumpram com esmero as funções domésticas, estas que deveriam ser compartilhadas com os companheiros (caso tenham).

Um elemento muito importante que se fez expresso pelas educadoras vem a ser o aspecto de cooperação que existe entre elas, uma vez que todas passam pelas mesmas dificuldades profissionais ou mesmo pessoais derivadas sobretudo por sua condição de mulher, dessa forma quando um imprevisto acomete alguma delas outra educadora se dispõem a cobrir o período, essa solidariedade entre colegas acontece independente do motivo da falta, conforme argumenta a **professora Carla** em trecho da entrevista transcrito a seguir:

Eu acho também que existe essa união, na escola, o entendimento da gestão, dos nossos colegas, que nunca ninguém nos negou. A gente sabe que essa escola, como se diz, não pode sair, nada pode. Muitas vezes a gente tem muitos horários vagos e a gente precisa tanto e dá uma sede banco, alguma coisa, E a gente sabe que não pode. E quando essa questão de faltar mesmo, às vezes nem por doença, por outro motivo que não seja doença também, a gente também tem esse espaço aberto com a gestão, com nossos colegas, e tudo dá certo. Eu acho que o que vale mais é a união, a união faz a força.

Ao qual deve ser dito que a **professora Lara** que é solteira não possui dois filhos, também argumenta que esse tipo de ação solidária é relativamente comum, quase como uma verdadeira estratégia para lidar com imprevistos de ordem pessoal sem com isso prejudicar demais o desenvolvimento do trabalho o que denota também o comprometimento por parte dessas educadoras, segue trecho transcrito a seguir:

Geralmente, quando acontece assim, imprevistos de filhos ou de família doente, como às vezes acontece, a gente muitas vezes se apoia nas outras professoras pedindo ajuda de troca de aula, fica no meu lugar aqui que eu vou sair, substituições, né? Então, a gente tem muito essa tarefa de uma substituir a outra, a outra trocar para poder conseguir faltar naquele dia. É uma estratégia, né? conseguir faltar naquele dia e resolver suas coisas quando alguém está doente, quando é preciso. Eu acho que é uma estratégia que é usada muito, como é o dia todo, 100% dentro da escola. Então, eu acho que é isso.

Se fez nítido nas respostas de algumas dessas educadoras que em muitos momentos existiu um sacrifício do bem-estar pessoal em prol justamente da manutenção do bem estar de terceiros, especialmente no que diz respeito ao cuidado com a família o que transparece o peso da pressão social que espera da mulher a manifestação do “dom do cuidado” que se materializa em determinadas ocasiões. Destaca-se que em seus relatos muitas comentam que os filhos ou mesmo o marido

oferecem o que classificam como *ajuda* na função doméstica, tal forma de se expressar transparece o sentido de que tais tarefas domésticas ainda são uma atribuição somente da mulher. Em vista disso, realmente sobram poucos momentos na rotina extenuante dessas educadoras, para que consigam efetivamente descansar e possam se dedicar a alguma atividade que lhes provenha um certo lazer, pois mesmo no fim de semana existem tarefas domésticas para serem feitas e elas contam apenas com uma ajuda dos demais moradores da casa.

Outro ponto bastante importante a ser salientado na presente análise, recai no aspecto religioso da vivência das profissionais ao qual cabe frisar que tanto a **professora Lia** como também a **professora Joana** são evangélicas praticantes, inclusive em suas declarações as duas professoras fizeram questão de apontar o quanto a crença religiosa lhes motiva a continuar apesar das muitas adversidades, cabe apontar para o argumento de Max Weber que segundo a autora Freitas (2020) argumentou que na ética protestante e portanto religiosa se persiste o entendimento de que a profissão era sobretudo um dever, tal fato se faz transparente na fala da **professora Joana** que classifica a sua carreira como “bem baixa” ressaltando a sua permanência nessa situação em virtude das obrigações a qual a figura de sua divindade lhe auxilia a lidar

É, vamos dizer, porto seguro para a nossa família. Então, mas eu tenho um porto seguro maior que é Deus. E eu tenho mais de 25 anos na escola, já tenho um, vamos dizer, um profissional bem baixo, uma vida profissional bem baixa, mas eu supero, tento superar e não mostro cansaço de jeito nenhum. E tem o Deus que me apoia, que me ajuda. Então, eu sou evangélica e Deus é minha fortaleza. Por isso que eu supero todos os obstáculos, busco sempre o melhor, tento relacionar com meus colegas da maneira melhor. para que eu possa conviver, a gente tem que ter uma boa convivência, sempre, como eu disse a vocês, sempre sorrir e nunca reclamar.

As entrevistas realizadas com as professoras oferecem uma rica visão sociológica sobre as interseções entre trabalho, gênero e família, destacando as complexidades e desafios enfrentados por mulheres que exercem a docência em instituições de ensino público em tempo integral. No âmbito profissional, observa-se uma profunda conexão entre o trabalho das educadoras e sua identidade pessoal. A atividade laborativa é percebida não apenas como uma fonte de subsistência, mas também como uma experiência significativa e, em alguns casos, terapêutica. Esse fenômeno ressoa com as análises de Karl Marx sobre o papel do trabalho na

realização humana, destacando como as interações sociais e a realização pessoal estão intrinsecamente ligadas ao ambiente de trabalho.

No entanto, a pesquisa também revela as precárias condições de trabalho enfrentadas pelas educadoras, incluindo a falta de recursos adequados, como a desorganização na biblioteca da instituição, a falta de um local para descanso, já que muitas vezes passam mais tempo na escola do que em casa. Essas condições adversas impactam negativamente o desempenho das educadoras e comprometem a qualidade do ensino oferecido aos alunos. Além disso, as entrevistas evidenciam a sobrecarga de responsabilidades enfrentadas pelas professoras no âmbito familiar. Muitas delas desempenham papéis múltiplos como mães, esposas e provedoras do lar, mesmo as que não tem filhos e marido ainda desempenham o papel do cuidado de parentes, enfrentando uma dupla jornada de trabalho que exige uma gestão eficaz do tempo e dos recursos disponíveis.

A solidariedade entre as educadoras é destacada como uma estratégia importante para lidar com os desafios pessoais e profissionais. A troca de apoio e a cobertura mútua em caso de imprevistos demonstram a importância da cooperação e do apoio entre colegas de trabalho. Por fim, a influência da religião na vida das professoras também é evidente, com algumas destacando o papel da fé como fonte de força e motivação para superar os desafios enfrentados. Essa dimensão religiosa adiciona uma camada adicional de significado à experiência das educadoras, moldando suas percepções e estratégias de enfrentamento.

No geral, as entrevistas oferecem uma visão abrangente e detalhada das interações complexas entre trabalho, gênero e família na vida das educadoras, destacando tanto os desafios enfrentados quanto as estratégias de enfrentamento e resiliência adotadas por elas. Essas percepções são fundamentais sobre a importância da indispensável contribuição feminina para sociedade e para refletir a cerca políticas e práticas que visam melhorar as condições de trabalho e promover a igualdade de gênero no ambiente educacional.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida ao longo do presente trabalho acadêmico contou com a valiosa participação de um grupo amplo de professoras que atuam em uma mesma instituição de ensino, estas educadoras que por meio de seus ricos relatos possibilitaram que fosse realizado um significativo dimensionamento a respeito da situação vivenciada por essas profissionais da educação no cariri ocidental paraibano.

Este grupo de educadoras expôs no decorrer de todo o desenvolvimento da dinâmica de grupo focal algumas situações inerentes a sua vivência profissional, mas também com relevantes detalhes acerca de sua vida pessoal, observa-se que na prática elas vivenciam muitos dos vícios que se fizeram previstos pelos acadêmicos no que diz respeito às condições de trabalho precarizadas e também as incontáveis cobranças inerentes a sua condição de mulher.

Algumas dessas educadoras relataram o desconforto sentido com a extenuante dupla ou por vezes tripla jornada de trabalho que não as permite ter o descanso necessário, ressalta-se que uma delas relatou que costumava reclamar bastante dessa situação complicada em que estava inserida e se viu obrigada a condicionar seu comportamento para que dessa forma conseguisse suportar a carga de trabalho de sua vida dupla como professora e dona de casa.

Esse desconforto persistente deriva da pressão social que se faz colocada diariamente por sob os ombros dessas profissionais, estas que são cobradas tanto no desempenho de suas funções como educadoras e também no desenvolvimento das tarefas domésticas no que inclui o cuidado com seus filhos, nota-se que entre as participantes da dinâmica havia uma mãe solteira que relatou suas dificuldades que eram próximas aquelas passadas por uma outra educadora que possuía o apoio do marido, que se disponha a *ajudá-la* na realização das tarefas domésticas no que incluía cuidar do filho do casal, no que pese essa vem a ser uma responsabilidade compartilhada, pois ambos trabalhavam e nisso o trabalho da mãe era em uma instituição de ensino de tempo integral.

Observa-se que a sociedade capitalista explora ainda mais a mulher que atua tanto no âmbito da formalidade e nesse ponto tem a sua força de trabalho explorada, mas recebe por isso uma quantia que pode ser considerada como irrisória, mas também e sobretudo a afeta no que vem a ser a esfera privada de sua vida na qual esta exerce um segundo trabalho que não é propriamente remunerado pela

sociedade, este que compõem a função de cuidar dos filhos que futuramente serão empregados como mão de obra presumidamente qualificada nesse sistema impiedoso e também seus alunos participam dessa realidade, no caso das educadoras.

Portanto se fazem necessárias políticas governamentais que efetivamente garantam que essas profissionais adquiram mais perspectivas e não se vejam obrigadas a aceitar determinadas situações, nota-se que uma mudança drástica de paradigma é necessária em razão de que esse estigma que paralisa socialmente o gênero feminino encontra-se enraizado na sociedade Brasileira contemporânea, pois conforme foi possível perceber nas falas das educadoras persiste a ideia de que é aceitável que a mulher seja submetida a determinadas condições de trabalho em razão unicamente de seu gênero.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Governo da Paraíba. **A expansão da educação profissional - Método ECIT: práticas inovadoras para a educação profissional pública de nível médio.** - v. 1. - João Pessoa: A União, 2021. Coletânea (Articulação Curricular e Projetos Empreendedores: inovações educacionais na rede pública estadual da Paraíba). 100 p.: il.

BRASIL, Governo da Paraíba. **Plano estadual de educação da Paraíba (2015 - 2025).** 2024. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao/consultas/plano-estadual-de-educacao-2015-2025>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BEZERRA, Daniela Dantas da Silva. **Os professores e a escola de tempo integral: formação e concepções.** 2013. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/548>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BOMFIM, Luiza Akiko Komura. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da ciência em pesquisas de saúde.** Physis Revista de saúde coletiva, Rio de Janeiro, 19 [3] 777-796, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**/Pierre Kühner. - 11° ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.

CORRÊA, Ana Maria Carneiro. **O grupo focal na pesquisa qualitativa: princípios e fundamentos.** Revista Prisma, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, p. 34-47, 2021.

DIEESE. **Mulheres: inserção no mercado de trabalho.** 2024. Disponível em: <http://ugt.org.br/Noticias/75196-Dieese-divulga-infografico-MULHERES-Insercao-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 20 abr. 2024.

DIEESE. **Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes.** 2024. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2024/mulheres2024.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

DERMATINI, Zélia Borges Fioranelli; ANTUNES, Francisco José. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de pesquisa**, n. 86, p. 5-14. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/934>. Acesso em: 15 mai. 2024.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Coletivo Sycorax, 2004.

FEDERICI, Sílvia. **Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo.** Ed. Elefante, 2023.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FIGUEIREDO, José Geraldo. **Desigualdade social e capitalismo: os limites da igualdade sob a ordem burguesa**. 2013. Disponível em: <https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo4-desigualdadessociaisepoliticaspUBLICAS/desigualdadesocialecapitalismo-oslimitesdaigualdadesobaordemburguesa.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2024.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**/ Uwe Flick; tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. - Porto Alegre : Penso, 2013. 256 p. : il. : 25 cm.

FREITAS, André Weber, “**A ética protestante e o espírito do capitalismo**”. 2020. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2020/03/17/weber-a-etica-protestante-e-o-espírito-do-capitalismo/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GONSALES, Carla. **Desigualdade na educação: a feminização do magistério no século XX**. 2017. Disponível em: https://unisagrado.edu.br/uploads/2008/anais/historia_2017/trabalhos/desigualdade-na-educacao-a-feminizacao-do-magister.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

HENRIQUE, Maria das Graças Costa; RODRIGUES, Maria Madalena. **Escola cidadã integral: um novo ensino médio na rede estadual da Paraíba?** 2019. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/coloquio/wp-content/uploads/2022/01/tl1-submissao24.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado: comparando Brasil, França e Japão. **Revista Internacional de Direitos Humanos (SUR)**, v. 13, n. 24, p. 53-64, 2016.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. 2000. Disponível em: https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/adivisaosexualdotrabalho_0.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. - - 4. ed. - - São Paulo: Atlas, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. Magistério de 1º Grau: um trabalho de mulher. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 14, n.2, p. 31-39, 1989.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Biotempo Editorial, 2. ed., 2011.

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

NEVES, Maria Yolanda Rodrigues. *et al.* **A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental**. Cadernos da Saúde Pública. 2019. Disponível em: <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/7172>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PARÁIBA. **Escola cidadã integral**: projeto político pedagógico. 2018. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/1klwF-AAGNZCjW3LihKT_PV58eJvVS4D8/edit?filetype=msword. Acesso em: 21 abr. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**: mito e a realidade; prefácio [de] Antonio Cândido de Mello e Souza. Petrópolis, Vozes, 1976. 384 p. 21 cm.

APÊNDICE I - FICHA DO GRUPO FOCAL

Ficha do grupo focal

Nome:		Idade:
Estado Civil:	Orientação sexual:	Raça:
Disciplina/Área de Ensino:		Tempo de serviço:
Número de membros na família:	Renda familiar:	Número de filhos:
Nível de Ensino em que Atua:		
Local de Atuação (cidade/estado):		
Formação Acadêmica:		

APENDICE II- GRUPO FOCAL

Grupo focal – Rotina das professoras

TRABALHO 06/03/2024

1. - Descreva a sua rotina.
2. – Você considera o tempo que passa no trabalho como produtivo? (reformular)
3. - Como conseguem conciliar vida pessoal com a vida profissional?
4. - Quais as maiores dificuldades encontradas no trabalho?
5. - Você costuma estar atualizada na sua área através de especializações ou curso de formação? Como?
6. - De que forma as pessoas (família e escola) ao seu redor contribuem para o seu desenvolvimento profissional?
7. – O que você mudaria para tornar o seu trabalho mais prazeroso?

FAMÍLIA

8. - Como é a sua relação com a sua família?
9. - Como é feita a divisão de tarefas na sua casa?
10. - O que mais valorizam em termos de realização pessoal e profissional?
11. - Como vivenciam o lazer?
12. - Para você, o que é autocuidado?
13. - Você faz algum tipo de acompanhamento psicológico?
14. - O que você valoriza para ter uma vida feliz?